



### CONCEITO DE EVOLUÇÃO E ESTADO DE NATUREZA

O homem desenvolve sua caminhada evolutiva a partir de um estado primitivo ou estado de natureza. “(...) O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo perfectível e trazendo em si o gérmen do seu aperfeiçoamento, o homem não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não o foi a viver eternamente na infância. Aquele estado é transitório para o homem, que dele sai por virtude do progresso e da civilização. (...)” (02)

É necessário que o ser humano desenvolva-se intelectual e moralmente e, através da lei de progresso, regula-se a evolução de todos os seres, encarnados ou desencarnados e de todos os mundos do Universo.

O Espírito só se depura com o tempo, pelas experiências que as reencarnações facultam.

“(...) O homem tem que progredir incessantemente e não pode volver ao estado de infância. Desde que progride, é porque Deus assim o quer. Pensar que possa retrogradar à sua primitiva condição fora negar a lei do progresso” (03)

No estado de natureza o homem tem menos necessidades, a sua vida é mais simples e menores são as atribulações. Ele se atém mais à sobrevivência e às necessidades fisiológicas. No entanto, “(...) há em nós uma surda aspiração, uma íntima energia misteriosa que nos encaminha para as alturas, que nos faz tender para destinos cada vez mais elevados, que nos impele para o Belo e para o Bem. É a lei do progresso, a evolução eterna, que guia a Humanidade através das idades e aguilhoa cada um de nós, porque a Humanidade são as próprias almas, que, de século em século, voltam para prosseguir, com o auxílio de novos corpos, preparando-se para mundos melhores, em sua obra de aperfeiçoamento. (...)”

A lei do progresso não se aplica somente ao homem: é universal. Há, em todos os reinos da Natureza, uma evolução que foi reconhecida pelos pensadores de todos os tempos. (...) Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente. (...)” (07)

O homem ascende a planos mais altos através do “(...) trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor (...)” (06)

“(...) As reencarnações constituem, dessarte, uma necessidade inelutável do progresso espiritual. Cada existência corpórea não comporta mais do que uma parcela de esforços determinados, após os quais a alma se encontra exausta. A morte representa, então, um repouso, uma etapa na longa rota da eternidade. Depois, é a reencarnação nova, a valer um como rejuvenescimento para o Espírito em marcha. (...)”

Paixões antigas, ignomínias, remorsos, desaparecem, o esquecimento cria um novo que se quer que se atira cheio de ardor e entusiasmo, no percurso da nova estrada. Cada esforço re-

dunda num progresso e cada progresso num poder sempre maior. Essas aquisições sucessivas vão alteando a alma nos inumeráveis degraus da perfeição. (...)

Somos, assim, o árbitro soberano de nossos destinos; cada encarnação condiciona a que lhe sucede e, mau grado a lentidão da marcha ascendente, eis-nos a gravitar incessantemente para alturas radiosas, onde sentimos palpitar corações fraternais, e entrarmos em comunhão sempre mais e mais íntima com a grande alma universal — A Potência Suprema (...)" (04)

“E os que estão sobre a pedra, estes são os que, ouvindo a palavra, o recebem com alegria; mas, como não têm raiz, apenas crêem por algum tempo e, na época da tentação se desviam.”

Jesus. (Lucas, 8:13.)

### MÃOS ENFEIRUJADAS

Quando Joaquim Sucupira abandonou o corpo, depois dos sessenta anos, deixou nos conhecidos a impressão de que subiria incontinentemente ao Céu. Vivera arredado do mundo, no conforto precioso que herdara dos pais. Falava pouco, andava menos, agia nunca.

Era visto invariavelmente em trajes impecáveis. A gravata ostentava sempre uma pérola de alto preço, pequena orquídea assinalava a lapela, e o lenço admiravelmente dobrado, caía, irrepreensível, do bolso mirim. O rosto denunciava-lhe o apurado culto às maneiras distintas. Buscava, no barbeiro cuidadoso, cada manhã, renovada expressão juvenil. Os cabelos bem postos, embora escassos, cobriam-lhe o crânio com o esmero possível.

Dizia-se cristão e, realmente, se vivia isolado, não fazia mal sequer a uma formiga. Assegurava, porém, o pavor que possuía, ante os religiosos de todos os matizes. Detestava os padres católicos, criticava as organizações protestantes e categorizava os espiritistas no rol dos loucos. Aceitava Jesus a seu modo, não segundo o próprio Jesus.

As facilidades econômicas transitórias adiavam-lhe as lições benfeitoras do concurso fraterno, no campo da vida.

Estudava, estudava, estudava...

E cada vez mais se convencera de que as melhores diretrizes eram as dele mesmo. Afastamento individual para evitar complicações e desgostos. Admitia, sem rebuscos, que assim efetuará preparação adequada para a existência depois do sepulcro. Em vista disso, a desencarnação de homem tão cauteloso em preservar-se, passaria por viagem sem escalas com destino à Corte Celeste.

Dava aos familiares dinheiro suficiente para aventuras e fantasias, a fim de não ser incomodado por eles; distribuía esmolas vultosas, para que os problemas de caridade não lhe visitassem o lar; afastava-se do mundo para não pecar. Não seria Joaquim — perguntavam amigos íntimos — o tipo do religioso perfeito? Distantes de todas as complicações da expe-

riência humana, pela força da fortuna sólida que herdara dos parentes, seria impossível que não conquistasse o paraíso.

Contudo, a realidade que o defrontava agora não correspondia à expectativa geral.

Sucupira, desencarnado, ingressara numa esfera de ação, dentro da qual parecia não ser percebido pelos grandes servidores celestiais. Via-os em movimentação brilhante, nos campos e nas cidades. Segredavam ordens divinas aos ouvidos de todas as pessoas em serviço digno. Chegara a ver um anjo singularmente abraçado a velha cozinheira analfabeta.

Em se aproximando, todavia, dos Mensageiros do Céu, não era por eles atendido.

Conseguia andar, ver, ouvir, pensar. No entanto— desventurado Joaquim! — as mãos e os braços mantinham-se inertes. Semelhavam-se a antenas de mármore, irremediavelmente ligadas ao corpo espiritual. Se intentava matar a sede ou a fome, obrigava-se a cair de bruços, porque não dispunha de mãos amigas que o ajudassem.

Muito tempo suportara semelhante infortúnio, multiplicando apelos e lágrimas, quando foi conduzido por entidade caridosa a pequeno tribunal de socorro, que funcionava de tempos a tempos, nas regiões inferiores onde vivia compungido.

O benfeitor que desempenhava ali funções de juiz, reunida a assembléia de Espíritos penitentes, declarou não contar com muito tempo, em face das obrigações que o prendiam nos círculos mais altos e que viera até ali somente para liquidar os casos mais dolorosos e urgentes.

Devotados companheiros do bem selecionaram a meia dúzia de sofreadores que poderiam ser ouvidos, dentre os quais, por último, figurou Sucupira, a exhibir os braços petrificados.

Chorou, rogou, lamuriou-se. Quando pareceu disposto a fazer o relatório geral e circunstanciado da existência finda, o julgador obtemperou:

— Não, meu amigo, não trate de sua biografia. O tempo é curto. Vamos ao que interessa.

Examinou-o detidamente e observou, passados alguns instantes:

— Sua maravilhosa acuidade mental demonstra que estudou muitíssimo.

Fez pequeno intervalo e entrou a argüir:

— Joaquim, você era casado?

— Sim.

— Zelava a residência?

— Minha mulher cuidava de tudo.

— Foi pai?

- Sim.
- Cuidava dos filhos em pequeninos?
- Tínhamos suficiente número de criadas e amas.
- E quando jovens?
- Eram naturalmente entregues aos professores.
- Exerceu alguma profissão útil?
- Não tinha necessidade de trabalhar para ganhar o pão.
- Nunca sofreu dor de cabeça pelos amigos?
- Sempre fugi, receoso, das amizades. Não queria prejudicar, nem ser prejudicado.

O julgador interrompeu-se, refletiu longamente e prosseguiu:

- Você adotou alguma religião?
- Sim, eu era cristão — esclareceu Sucupira.
- Ajudava os católicos?
- Não. Detestava os sacerdotes.
- Cooperava com as Igrejas reformadas?
- De modo algum. São excessivamente intolerantes.
- Acompanhava os espiritistas?
- Não. Temia-lhes a presença.
- Amparou doentes, em nome do Cristo?
- A Terra tem numerosos enfermeiros.
- Auxiliou criancinhas abandonadas?
- Há creches por toda parte.
- Escreveu alguma página consoladora?
- Para quê? o mundo está cheio de livros e de escritores.
- Utilizava o martelo ou o pincel?

— Absolutamente.

— Socorreu animais desprotegidos?

— Não.

— Agradava-lhe cultivar a terra?

— Nunca.

— Plantou árvores benfeitoras?

— Também não.

— Dedicou-se ao serviço de condução das águas, protegendo paisagens empobrecidas?

Sucupira fez um gesto de desdém e informou:

— Jamais pensei nisto.

O instrutor indagou-lhe sobre todas as atividades dignas conhecidas no planeta. Ao fim do interrogatório, opinou sem delongas:

— Seu caso explica-se: você tem as mãos enferrujadas. Ante a careta do interlocutor amargurado, esclareceu:

— É o talento não usado, meu amigo. Seu remédio é regressar à lição. Repita o curso terrestre.

Joaquim, confundido, desejava mais amplas elucidações.

O juiz, porém, sem tempo de ouvi-lo, entregou-o aos cuidados de outro companheiro..

Rogério, carioca desencarnado, tipo 1945, recebeu-o de semblante amável e feliz e após escutar-lhe compridas lamentações, convidou, pacientemente:

— Vamos, Sucupira. Você entrará na fila em breves dias.

— Fila? — interrogou o infeliz, boquiaberto.

— Sim — acrescentou o alegre ajudante —, na fila da reencarnação.

E puxando o paralítico pelos ombros, concluía, sorrindo:

— O que você precisa, Joaquim, é de movimento...

## FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da Pluralidade das Existências. In:\_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Comentário à perg. 194, pág. 131.
- 02 - Da Lei do Progresso. In:\_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Comentário à perg. 776, pág. 362.
- 03 - Perg. 778, pág. 363.
- 04 - DELANNE, Gabriel. In:\_. A Evolução Anímica. Trad. de Manuel Quintão. 6. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1989. Introdução. Págs. 16-17.
- 05 - DENIS, Léon. Evolução e Finalidade da Alma. In: —. O Problema do Ser, do Destino e da Dor. 16. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1991. Págs. 119-120.
- 06 - Pág. 120.
- 07 - Págs. 122-123.